ESCRITA

LITERATURA ARTE FILOSOFIA

9 771144 875007

R$ 29,90 ANO 3, Nº 17, OUT/2026

ONIRÁ Editora®

Literatura: Antônio Torres e a força de Essa Terra

Conexão Brasil–Portugal: Teolinda Gersão

Especial Tributo: 50 Anos de Antônio Torres



Antônio Torres

QUERIDO ANTÔNIO

Jasson da Silva Martins



JASSON DA SILVA MARTINS
Professor do curso de Filosofia da UESB
Doutorando em Filosofia pela UFBA

A Presença de Schopenhauer em Querida Cidade

1. Introdução

O título desse artigo procura evidenciar a minha pretensão: mostrar a presença de Schopenhauer no romance *Querida cidade,* de Antônio Torres. A leitura desse permite identificar uma presença explícita do pensamento do filósofo alemão Arthur Schopenhauer [1788/1860] na construção da trajetória intelectual e existencial do protagonista. Mais do que uma simples referência erudita, o filósofo aparece como um fio condutor da construção da obra, o que pode auxiliar na compreensão de alguns temas explorados no romance, tais como, a experiência da dor, da frustração, do desejo, da felicidade e da própria condição humana.

A presença do filósofo na obra surge, através do contato do personagem com a obra *As dores do mundo* como um acontecimento decisivo em sua formação. Meu objeto é reconstruir alguns aspectos centrais do romance de Antônio Torres a partir de uma compreensão das ideias do filósofo alemão como uma espécie de "oráculo". O resultado deve ser uma compreensão do romance como espelho da existência não apenas dos personagens, mas da própria cidade, como espaço existencial de projetos e sonhos, frustrações e dores, ou seja, como representação da vontade.

Filosofia como forma de interpretar a existência

Um dos momentos mais significativos, na narrativa, encontra-se quando o protagonista, ainda jovem e desempregado, entra em uma livraria e se depara com *As dores do mundo*. O narrador afirma que o título imediatamente lhe chama a atenção: "*Quem sabe aquele tal de Arthur Schopenhauer viria a ser o oráculo de que precisava para o entendimento de suas circunstâncias*!" (p. 71). A referência é particularmente importante porque não se trata apenas de uma menção ao filósofo: o personagem encontra em Schopenhauer uma possibilidade de interpretação para sua própria experiência de sofrimento.

O pensamento schopenhaueriano não surge em um contexto de discussão de ideias, mas em um momento de crise. O personagem carrega consigo uma experiência marcada por perdas, frustrações, dificuldades familiares, pobreza,



rejeições amorosas e, posteriormente, pelo fracasso de determinadas expectativas sociais. O narrador enumera as dores que fazem parte de sua história: mortes, dificuldades físicas, castigos, rejeições, dureza do trabalho rural e, finalmente, a demissão. Assim, quando o jovem encontra Schopenhauer, a filosofia parece oferecer uma linguagem capaz de organizar uma experiência de sofrimento que ele já conhecia antes mesmo de compreender, filosoficamente, suas causas. O texto confirma essa interpretação ao afirmar sobre o jovem: "*Ele estava com 17 anos e se achava possuidor de um repertório de dores para filósofo algum menosprezar*" (p. 71).

A leitura do filósofo, no entanto, não é um lenitivo imediato: "*A leitura das páginas do alemão, porém, só viria a aumentar o seu sentimento de inadequação à inexorabilidade da vida prática*" (p. 73). Esse ponto é essencial, pois revela a função de Schopenhauer no romance: sua filosofia não aparece como um conhecimento abstrato, mas como uma forma de interpretar a existência. O jovem não chega ao filósofo por uma curiosidade meramente acadêmica. Ele chega porque sua própria vida já parece confirmar uma visão pessimista da existência. A filosofia passa, então, a funcionar como uma espécie de espelho intelectual de sua experiência.

A presença do filósofo na obra surge, através do contato do personagem com a obra As dores do mundo como um acontecimento decisivo em sua formação. Meu objeto é reconstruir alguns aspectos centrais do romance de Antônio Torres a partir de uma compreensão das ideias do filósofo alemão como uma espécie de "oráculo".

A vida como promessa frustrada de felicidade

A existência marcada pela dor é a porta de entrada para a aproximação mais expressiva da filosofia de Schopenhauer. Em determinado momento do romance, o narrador relaciona diretamente a filosofia schopenhaueriana à experiência religiosa de sua mãe. Depois de recordar a máxima materna "*A vida, mô fio, é um vale de lágrimas*" – o narrador acrescenta: "*E o mundo, o que era? Um lugar de penitência. Assim dizia o tal de Schopenhauer*" (p. 137-38).

Antônio Torres revela algo importante sobre a filosofia de Schopenhauer: ela aproxima duas fontes diferentes de interpretação do sofrimento: a intepretação dada pela religião cristã e a aquela fornecida pela filosofia de Schopenhauer. Para a mãe, a existência é um "vale de lágrimas" compreendido a partir da fé, da existência do pecado, da penitência e da esperança de salvação. Para o filósofo alemão, porém, a dor possui uma fundamentação filosófica ligada à própria estrutura da existência: o simples fato de ter nascido dispõe o indivíduo a dor constitutiva da existência.

Na leitura do romance, fica muito claro que essa aproximação não é casual e sim intencional. O autor faz questão de enumerar, imediatamente depois da referência a Schopenhauer,



uma série de temas ligados à sua filosofia: "*tormentos da existência, desilusões, vãs promessas de felicidade, dores sem trégua e sem descanso, metamorfoses do sofrimento, o ascetismo como libertação definitiva e paz durável, a necessidade da resignação, da renúncia*" (p.138). Em outros termos, para além de uma aproximação existencial da filosofia schopenhaueriana, o autor deixa entender que conhece e faz uma referência consciente dos temas explorados pela referida filosofia.

O trecho citado acima, se lido com as lentes da filosofia, pode surpreender muitos leitores: Poderemos encontrar aí uma síntese ficcionalizada de alguns dos principais problemas da filosofia schopenhaueriana. O fato de apresentar a existência humana sob o signo da insatisfação é consoante e filosoficamente coerente com o indivíduo que deseja e busca a felicidade, que alcança eventualmente aquilo que deseja e, ainda assim, permanece exposto a novas necessidades, novas carências e novas dores. A felicidade, do ponto de vista de Schopenhauer, é descrita não como um estado permanente, mas como uma promessa constantemente frustrada.

A cidade como representação

Em outro momento do romance, a influência de Schopenhauer fica ainda mais evidente: quando apresenta explicitamente sua concepção da Vontade. Em outro trecho, o narrador explica que, para o filósofo alemão, "*a essência de todas as coisas é a Vontade, que é o fundamento do universo, a sua raiz metafísica, o princípio de toda a sua realidade*" (p. 190). Essa afirmação não é feita de forma aleatória, mas

"tormentos da existência, desilusões, vãs promessas de felicidade, dores sem trégua e sem descanso, metamorfoses do sofrimento, o ascetismo como libertação definitiva e paz durável, a necessidade da resignação, da renúncia".

intimamente conectada como que para criar um pressuposto a partir do qual seria possível tirar uma consequência antropológica dessa concepção: a Vontade é "*a multiplicadora dos desejos, que levam às dores*" (p. 190).

Esta é mais uma passagem através da qual o autor revela ao leitor a presença conceitual de Schopenhauer no seu romance. O narrador não apenas cita o filósofo, mas apresenta, através de uma linguagem narrativa, uma interpretação de sua metafísica da Vontade. A existência descrita no romance coincide com a concepção da existência estabelecida por Schopenhauer: ela aparece estruturada por uma força que produz desejos incessantes. Ora, como o desejo implica falta, a vida humana fica submetida a uma dinâmica permanente de insatisfação.

Eu arriscaria afirmar que essa perspectiva corrobora com uma certa uma forma de interpretar os vários acontecimentos da narrativa. Ao longo de todo o romance, os personagens desejam amor, reconhecimento, dinheiro, sucesso profissional, ascensão social, liberdade, segurança e felicidade. O leitor atento observará que a realização de cada um desses desejos não produz, necessariamente, estabilidade. Um efeito inverso acontece, a realização de um desejo frequentemente inaugura uma nova fonte de inquietação.

Podemos apresentar um exemplo particularmente significativo que faz parte da trajetória do jovem protagonista. Sua partida para a cidade é

movida por uma "*infatigável aspiração de felicidade*" (p. 104); contudo, seu retorno será marcado pelo sentimento de que a vida constitui um "*espetáculo tragicômico, sob o reino do acaso e do erro*" (p. 104). A leitura do romance atribui essa interpretação a Schopenhauer.

A oposição entre partida e retorno reproduz, em termos narrativos e filosóficos, a lógica do desejo. O jovem parte acreditando que a cidade, o estudo e o futuro poderão realizar suas expectativas. A experiência vivida, e não mais o desejo, revela que a vida vivida não corresponde ao horizonte imaginado, sonhado, idealizado. O realismo pessimista reafirma a tese de que toda promessa de felicidade tende a se converter em frustração. Nesse sentido, o título se explica metaforicamente: a querida cidade não é apenas um espaço geográfico, ela é o lugar em que os desejos humanos são projetados e, simultaneamente, frustrados. A cidade é o lugar de desejos e não de realizações.

A leitura do romance revela que o que autor tem consciência de um outro elemento da filosofia schopenhaueriana: a desconfiança diante das promessas de felicidade. O protagonista parte do interior alimentando expectativas de transformação pessoal e social. Progressivamente, no entanto, ele descobre a distância entre aquilo que imaginava e aquilo que a existência efetivamente oferece. A própria formulação do romance, anteriormente invocada, segundo a qual "*a vida é um espetáculo tragicômico, sob o reino do acaso e do erro*" (p. 104), traduz uma visão profundamente desencantada da existência.

A oposição entre partida e retorno reproduz, em termos narrativos e filosóficos, a lógica do desejo. O jovem parte acreditando que a cidade, o estudo e o futuro poderão realizar suas expectativas.

Vale a pena determos, brevemente, na expressão "*reino do acaso e do erro*". Essa expressão é especialmente relevante porque retira da vida uma organização providencial e racional, pois serve como fio vermelho para ler o romance. Descoberto esse fio, o leitor pode reconhecer facilmente que a trajetória dos personagens é atravessada por acontecimentos imprevisíveis: desaparecimentos, mortes, fracassos, separações, acidentes, perdas amorosas e mudanças repentinas de destino. A vida, de fato, possui algo de schopenhaueriano, ou seja, não se apresenta como um percurso linear em direção ao aperfeiçoamento, mas como uma sucessão de acontecimentos que frequentemente frustram os projetos humanos.

Ao descobrir esse fio, o leitor pode dar um passo para trás e observar que essa concepção também aparece no início do romance. Nesta afirmação do narrador: "*O mundo é uma atividade da mente, um sonho das almas, sem base nem propósito nem volume*" (p. 8). Essa formulação não [deve] ser considerada uma transcrição da filosofia de Schopenhauer, mas pode muito bem servir para aproximar a concepção do romance da concepção do mundo como representação. Toda a realidade narrada, ao longo do romance, surge submetida à experiência subjetiva daquele que a contempla: a cidade desaparecida, as lembranças, os sonhos e as imagens do passado tornam-se inseparáveis da consciência daquele que recorda.



Em todo o romance há uma constante oscilação entre realidade e representação; entre vontade e representação. A cidade que existiu no passado sobrevive sobretudo na memória do autor que expressa no título o seu apego. O que resta dela é uma reconstrução subjetiva, feita de lembranças, perdas e imagens. Nesse sentido, a epígrafe de Alexandre O'Neill – "*Não és tu que em mim te vês, / sou eu que em ti me vejo*!" (p. 7) vem reforçar a dimensão subjetiva da relação entre indivíduo e mundo.

As dores da querida cidade

Por tudo já afirmado, seria possível concluir que a presença de Schopenhauer também contribui para conferir à narrativa uma dimensão que ultrapassa a história individual do protagonista. O autor do romance mostra, através da ação dos personagens, que o sofrimento não é apresentado apenas como consequência de determinadas circunstâncias sociais ou familiares. Em *Querida cidade*, o sofrimento aparece como uma dimensão recorrente da condição humana.

O romance reúne experiências distintas de sofrimento humano: a pobreza, o trabalho, a morte, o abandono, o alcoolismo, a doença, a separação, o fracasso amoroso, a velhice e a solidão. A passagem em que o autor, através do narrador, enumera as experiências dolorosas do protagonista é particularmente significativa: ele traz no corpo e na memória as marcas de doenças, castigos, rejeições, trabalho e perdas, até chegar à experiência da demissão. No sofrimento há vida, mas não consolo.

A leitura de Schopenhauer fornece ao personagem uma espécie de confirmação intelectual e ampliação desta sua experiência. A dor que antes lhe parecia ser apenas sua passa a ser interpretada como parte de uma estrutura mais ampla e universal da existência humana. É por ter a experiência do sofrimento e dor que a obra *As dores do mundo* exerce tanta influência sobre sua consciência.

O título da obra de Schopenhauer pode ser utilizado como um princípio de leitura do romance de Antônio Torres. Ler *Querida cidade* é uma maneira de, literariamente, entrar em contato com as dores do mundo. A "cidade" do autor é também uma cidade das dores: por trás das festas, dos discursos políticos, das relações amorosas e dos projetos de progresso, encontram-se perdas, frustrações, mortes e desilusões.

Em um nível mais íntimo e pessoal, a concepção schopenhaueriana da Vontade também é utilizada para interpretar os conflitos familiares. O narrador afirma que a "vontade" do pai e da mãe coloca os personagens "*num dramático campo de guerra*" (p. 290), no qual as palavras se tornam instrumentos de confronto. Essa afirmação é particularmente reveladora porque transforma um conceito metafísico em categoria narrativa. A Vontade, como lhe é natural, não deve permanecer no plano abstrato: ela aparece concretamente nas relações humanas. Cada personagem possui desejos, expectativas e projetos que entram em conflito com os desejos dos demais, quando saem do plano teórico e aterrissa na concretude histórica.

O protagonista passou amiúde pelo oficial na Avenida, mas sem êxito em seu intento. Após várias tentativas frustradas, ele quase desistiu, quando em um novo ensejo, fechou os olhos e chocou-se deliberadamente contra seu agressor.

A vontade individual aparece muito claramente no romance: o filho deseja estudar e construir uma vida diferente daquela que seus pais tiveram; a mãe deseja protegê-lo e garantir seu futuro; o pai, por sua vez, possui outra compreensão do que significa "futuro", associando-o à sobrevivência material e ao trabalho. As "Vontades" estão claras e expressam algo de cada personagem. O conflito surge, justamente, quando essas "Vontades" deixam o plano ideal e pretendem se afirmar como elemento central da vida de cada um. O conflito é o resultado do choque entre vontades diferentes.

Toda a narrativa mostra como o desejo pode produzir sofrimento, em níveis distintos: não apenas para o indivíduo, mas também para aqueles que convivem com ele. A família torna-se uma espécie de microcosmo da existência. Se é assim, a filosofia de Schopenhauer pode servir como ponto de reflexão da família, ao ser equiparada, pelo autor do romance, com estrutura conflitiva da existência que a filosofia de Schopenhauer estabelece.

Esse conflito familiar que espelha existência, se mostra ao longo da obra quando o autor faz uma referência direta a uma possível saída para o sofrimento: ele deixa entrever que o ascetismo, a resignação e a renúncia podem ser lenitivos para a vida. Ao apresentar a filosofia de Schopenhauer,

o narrador menciona "*o ascetismo como libertação definitiva e paz durável" e "a necessidade da resignação, da renúncia*" (p. 138). É claro que o autor não utiliza essa dimensão da filosofia schopenhaueriana como uma solução simples para os personagens.

Longe de utilizar uma fórmula simples, o romance permanece marcado pela tensão entre desejo e renúncia. Os personagens continuam desejando amor, reconhecimento, dinheiro, liberdade e pertencimento, mesmo quando suas experiências já demonstraram a fragilidade desses desejos. Um dos tantos méritos do autor é justamente ter mantido essa tensão que torna a presença de Schopenhauer produtiva literariamente. Em nenhum momento, o filósofo é utilizado pelo autor para apresentar uma tese sistemática, mas para iluminar o conflito entre aquilo que os indivíduos desejam e aquilo que a vida efetivamente lhes permite alcançar.

CONCLUSÃO

A presença de Schopenhauer em *Querida cidade* é, portanto, explícita, temática e conceitual. O autor não esconde e até prevê que o leitor fará essa aproximação interpretativa, à medida que o próprio romance identifica Schopenhauer como uma referência decisiva para a formação intelectual do protagonista. Quando o personagem encontra a obra *As dores do mundo*, ele está em um momento de crise e passa a utilizá-la como instrumento para compreender sua própria experiência.

Diversos elementos fundamentais do pensamento schopenhaueriano aparecem incorporados à narrativa do romance: a existência como sofrimento, a insatisfação provocada pelo desejo, a Vontade como fundamento da realidade, a frustração das promessas de felicidade, o acaso, o conflito entre vontades e a possibilidade de resignação e renúncia. O romance não esconde do leitor que a ideia central de Schopenhauer – a Vontade – constitui a essência das coisas e que os desejos produzidos por ela conduzem à dor. A cidade, como protagonista principal do romance, mimetiza essa ideia filosófica.

A presença de Schopenhauer em *Querida cidade* funciona como a dimensão filosófica para a interpretação da experiência humana, ao lado de outras dimensões interpretativas. A trajetória do protagonista pode ser compreendida como uma passagem da esperança juvenil – época de sonhos e projetos – para uma consciência mais desencantada da existência, na qual a vida aparece como um "espetáculo tragicômico" submetido ao acaso, ao erro, ao desejo e à dor. A presença do filósofo é patente e o autor não transforma o romance em tratado filosófico, mas incorpora a filosofia à experiência dos personagens. A literatura dá concretude narrativa àquilo que a filosofia procura compreender conceitualmente. Uma forma de sintetizar o romance é afirmar que a narrativa combina o cômico e o trágico, o sonho e a realidade, a esperança e a decepção, a exemplo das dores do mundo e do mundo como representação

REFERÊNCIAS

TORRES, Antônio. Querida cidade. Rio de Janeiro: Record, 2021.



ESCRI7A

LITERATURA ARTE FILOSOFIA



SEJA NOSSO PARCEIRO

ANUNCIE AQUI

SIGA-NOS TAMBÉM NO

Instagram

revistaescri7a

Faça uma doação atráves da chave pix:

382.146.795.91